

A INCLUSÃO PELA MÚSICA: O CASO LYRA BRAGANÇA

Leandro Ramazzini

Uniso/ Programa de Pós Graduação em Educação
Eixo Temático 9- Pesquisa, Artes, Mídias e Educação
Comunicação Oral

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo contextualizar o mundo contemporâneo, utilizando conceitos do sociólogo Bauman, para entender a “modernidade líquida” e as “vidas desperdiçadas”, como pano de fundo no entendimento da população atendida pelo projeto “Lyra Bragança” e as mudanças provocadas por esta ação social no cotidiano escolar dos participantes.

O contexto do mundo contemporâneo não deve ser observado como um período isolado da construção histórico-cultural da sociedade. Nosso consumo, ansiedade por inovações, produção de refugio, discriminações e classificações tiveram início na modernidade. Por esse motivo torna-se importante para o entendimento da contemporaneidade um estudo sobre o período moderno e seus efeitos sobre a sociedade e suas transformações políticas e culturais.

Bauman (1998;1999) divide o período da modernidade em duas partes sendo que a primeira ele denomina de modernidade sólida e a segunda de modernidade líquida e afirma que a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos.” (BAUMAN,1999, p.14). O projeto moderno, ainda segundo Bauman, é o que solidifica a modernidade e torna a razão a ferramenta e a justificativa para a dominação mundial através do progresso. A concretização de tal projeção somente seria possível mediante o surgimento do Estado - nação e da ciência como suporte técnico. O Estado, (...) “fornecia os critérios” de segregação. Critérios para dividir as pessoas em “plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas.” (BAUMAN, 1999, p.29).

O ritmo é moldar e controlar as regras do jogo e formular preferências. Dessa forma, surge a padronização de comportamentos e valores que divide os indivíduos em dois grupos distintos: os ajustados à norma e aqueles que não se ajustam a ela.

Desta forma a modernidade elucida os primeiros tentáculos do sistema global que envolve a sociedade atual de forma mais branda no que tange o escandaloso conflito do natural versus racional, devido ao advento de novas tecnologias que

convergem as flexibilidades para o próprio pensamento moderno. Por este aspecto, a modernidade transforma-se em outro sistema denominado pós-moderno, ou como afirma Bauman (2001), modernidade líquida, ou seja, a fluidez da economia, da localidade e da escolha/possibilidade individual.

O contemporâneo e suas instabilidades provocam sentimentos de individualização quanto à realização dos projetos pessoais porque é injusto "(...) que precisemos dos estranhos à nossa volta, porque, devido ao modo que somos culturalmente modelados, perderíamos preciosos valores de aceitação da vida num mundo uniforme, monótono e homogêneo (...)" (BAUMAN, 1998, p.43).

Vivenciamos no contemporâneo uma interação interdependente em que o ser humano age sozinho, ou seja, a anormalidade e estranheza que a diferença causava no moderno dá lugar à aceitação da pessoa desconhecida como algo que não pode ser evitado e não é algo também nocivo e sim algo que deve ser mantido. (BAUMAN, 1998)

Para o autor, tudo deve ser classificado e retirado da penumbra do desconhecimento e o conhecimento é um bem necessário que somente a ciência é capaz de oferecer. Existe uma na pós-modernidade uma nova contemplação social baseada na filosofia e no trabalho dos homens mais racionais da época para a comprovação do domínio da natureza voltado á regularização do caótico mundo campestre como objeto do desejo humano através da

(...) louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas aonde nenhum homem ousou ir ainda' nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir). (BAUMAN, 1999, p. 48).

Entram em cena as inclinações das políticas públicas que tendem a desapropriar os cidadãos de suas manifestações críticas ao Estado. O governo torna-se então normativo, limitando-se a estabelecer aquilo que supostamente atende as demandas do "bem estar social", ou seja, a manutenção de uma estrutura socioeconômica que tange somente a superfície das necessidades humanas. Em termos de infraestrutura social, a interferência estatal justifica a separação e divisão da população, entre ajustados e desajustados. A nova ordem da inclusão pela exclusão é o avesso e o transbordamento da abordagem econômica que a sociedade de consumo dispersa entre os estereótipos das castas sociais em nome do progresso.

Progredir culmina num poder centralizado, identificador que só pode existir por meio de uma aliança entre dominador e dominados no sentido de que a subordinação

dos entes se torne legítima para a efetivação do Estado-Nação e esta se subordine a aquele como ente por que:

A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia-reatuar a realidade à semelhança da idéia. (BAUMAN, 2005a, p. 26).

Isto significa identificar-se como partícipe de determinado grupo em que não mais são válidas as treliças cotidianas voltadas exclusivamente à sustentação do viver comunitário e familiar e sim, como parte de um sistema que se organizou para a produção e consumo. A submissão ao poder exclusivo da nova dimensão coletiva de pertencer a uma instituição que “buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade”. (BAUMAN, 2005a, p.27)

A negação do contexto natural vigente antes da modernidade abre caminhos para a era da seleção. A sociedade que não tem um poder de direcionamento está fadada ao caos natural, um retrocesso em relação aos novos planos sociais que só pode ser evitado pelo “poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais” (BAUMAN, 2005a, p27), como reafirmação da unificação e coesão do reagrupamento de ordem nacional.

O contemporâneo assume um dinamismo frenético. Líquido. O tempo deslocou-se do espaço e reorganizou os contatos interpessoais locais, projetando as relações humanas para o mundo e reformulando constantemente a vida social.

A homogeneidade nacional não é mais o fator regulador porque na modernidade líquida o próprio indivíduo é que se assume como seu regulador. A classificação é feita através do capital e o sujeito se finda na consumação do próprio desejo orientado pela ansiedade do consumo.

O conforto de se ter o capital nos dias de hoje em que *shoppings centers* vertem das esquinas de quase todas as cidades parece ter sido substituído pelo prazer que o ato de se usar o dinheiro proporciona. O bem material seduz por meio do prazer presente e a sedução se perde no ato do consumo porque o indivíduo do mundo líquido tem apenas pertences de passagem.

Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’”. (1998, p.112-113).

Segundo Bauman (2004; 2006), as pessoas se tornam parte do consumo ao efetivar o ciclo de produção, distribuição, troca e ato de consumir. O avesso do consumo é o próprio homem porque os sujeitos agora também se consomem e a satisfação é uma forma de dispor ou dispensar pessoas para realçar cada vez mais a estrutura frágil em que se encontram os relacionamentos humanos.

O autor revela que nova ordem das coisas diz que quanto maior é o poder de ter de algumas pessoas, menor é o poder de ser de outras. Um aspecto a se considerar em um mundo em que os antigos problemas localizados nas comunidades assumiram uma resolução mundial.

Existe, então, o aumento de consumidores e dos possíveis consumidores que contribui para a movimentação intensa entre diversas localidades. Para se obter a saciedade dos sujeitos que possuem o poder de aquisição ao qual o produto está ligado existe a possibilidade de locomoção por longas distâncias e a desorganização de grupos fechados e pré-estabelecidos.

A contaminação de classes por miscigenação de poderes aquisitivos controversos não são uma opção saudável em um ambiente baseado nos poderes de compra e venda. Expandir horizontes pode ser neste sentido, a forma mais adequada para dispensar sujeitos que não se encaixam no plano libertário de vida.

A expansão global proibiu a prática campestre a fim de gerar consumidores da produção oferecida pelo mundo e favorece o trânsito de pessoas entre diversas localidades do globo, além de descentralizar o controle estatal empurrando um fluxo humano constante que não consegue meios de sobrevivência que eram anteriormente oferecidos em adequação aos padrões sociais, biológicos e culturais.

O objeto cotidiano impede o aceite de pessoas desajustadas ao consenso coletivo estipulado pelo ordenamento fabril e aquilo que se produz deve ter um destinatário não importa onde ele esteja. Na condição de sujeito que deve consumir não cabem propostas que interfiram na idéia de que o cidadão não é livre e responsável por sua vida de novas oportunidades.

Bauman (2005b) descreve também que os meios empregados para o contorno do problema dos chamados desajustados podem ser de natureza monetária ou assistencial/clientelista, são as “esmolas fornecidas pelo Estado” como temos o programa Bolsa Família como o mais famoso dos exemplos no Brasil. Após o ingresso no programa as famílias ficam e as próximas serão apenas réplicas esperadas, clonadas, repetições que estão meramente dentro do planejamento orçamentário. São refugados em estado de reciclagem.

Os refugos humanos podem ser qualquer tipo de pessoa ou grupo de pessoas (já que o coletivo torna o descarte mais eficaz) que se desconecte do padrão estabelecido como normal tanto para consumir ou ser consumido na sociedade. O excesso de pessoas que causou o movimento populacional acrescentou alternativas pouco vibrantes no tocante á seleção entre quem é ou não utilizável, capacitado ou especializado para resolver as pendências que as novas tecnologias necessitam.

Bauman (2005b, p18) cita uma geração de jovens nascidos na Grã- Bretanha na década de 70 como sendo a “geração X”. Ele descreve que essa geração sofria de um mal até então não conhecido por gerações anteriores e que era exatamente a depressão que os assolava. A conclusão a que chega é de que a causa mais comum do novo mal-estar é a falta de emprego e também as reduzidas chances de se conseguir um após o término dos estudos. É possível que hoje em dia a “geração X” dos anos 70 já tenha passado por geração “Y” e “Z” e esteja (se considerarmos cada geração por um intervalo de 10 anos em uma média de tempo escolar para o ensino fundamental) recomeçando o alfabeto em algo como “geração B2”.

Não é algo tão impossível de se imaginar se levarmos em consideração o fato de que as coisas não mudaram tanto no tocante ao manejo dos dejetos humanos da década de 70 para os dias atuais.

Os “B2” estão por toda a parte. São crianças e jovens que frequentam, por exemplo, a mais requintada máquina de reprodução de refugo de nossos tempos: a escola pública brasileira. Não que toda escola pública brasileira seja ruim, pelo contrário, sabe-se que existem instituições daquela categoria muito eficientes. Contudo, como nos diz Bauman (2005b, p. 47) ao levantar uma questão sobre a demasia dos refugados, podemos estender a pergunta referente a “Eles” para as boas escolas públicas brasileiras (que eu afirmei que existem) desta forma: Seriam “elas” demasiadas?

A MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MUSICAL

A arte musical e seu caráter ritualístico acompanha o ser humano desde os primórdios de sua existência. Na antiguidade já eram percebidas algumas influências que a música investia sobre as pessoas e “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, p. 25, 2011).

Para Gainza (1988, p. 22) o som ordenado e colocado musicalmente é uma fonte energética que domina os sentidos humanos e afeta diretamente sua concentração e pensamentos. E ressalta que “a música e o som, enquanto energia,

estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”.

O objeto musical revela o sujeito e este se revela no sentimento, pois:

(...) o elemento que é preciso sempre focalizar, na análise da vida mental é a “conduta” propriamente dita, concebida (...) como um restabelecimento ou fortalecimento do equilíbrio. Ora, toda conduta supõe instrumentos ou uma técnica: são os movimentos e a inteligência. Mas, toda conduta implica também modificações e valores finais (o valor dos fins): são os sentimentos. Afetividade e inteligência são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana. (PIAGET, 2012, p.14).

Educar musicalmente a partir de um ponto de vista dos sentidos e dos sentimentos, torna o processo de aquisição da linguagem musical um trabalho paralelo que com o passar do tempo integra-se rotineiramente na realização pessoal. Significa ter além da postura de professor uma postura de formação política.

O PROJETO LYRA BRAGANÇA

Para falar sobre o projeto foram realizadas conversas informais e entrevistas com os idealizadores, coordenadores e professores, pois, não existem textos ou documentos a respeito do objeto em estudo e sim somente o diálogo e contato direto com seus gestores e agentes foi utilizado para a elaboração do texto que segue.

A Associação Bragantina Amigos das Artes (ABRAA), em parceria com empresa “MB”, que produz estojos para instrumentos musicais, dos empresários Marcus Bonna e de Kathia Bonna vem desenvolvendo desde 2009, atividades musicais, mais especificamente com ensino para a música de bandas e fanfarras, para crianças e adolescentes que moram na zona norte, considerada uma das regiões mais pobres da cidade de Bragança Paulista.

O projeto Lyra Bragança é a união de diferentes olhares e histórias a respeito da música e da educação musical como forma de melhorar a condição de pessoas que por muitas vezes são esquecidas á própria sorte.

A idéia de apresentar aos empresários Marcus e Káthia um projeto para formação de uma banda, o qual poderia envolver crianças e adolescentes para aprender música instrumental partiu de um apaixonado por bandas e fanfarras chamado Luis Custódio Oliveira da Silva, que há mais de 20 anos promove trabalhos com bandas e fanfarras na cidade de Bragança e região bragantina.

Tal iniciativa veio ao encontro de alguns desejos dos empresários, pois, desde a inauguração da empresa a situação das famílias que vivem nas margens do centro urbano da cidade, caracterizadas pela pobreza e subdesenvolvimento era notada.

A zona norte de Bragança Paulista, onde está sediada a empresa, é considerada uma região de periferia com índices preocupantes de tráfico de drogas, assaltos e prostituição infantil e que concentra grande quantidade de crianças e jovens em situação de risco que geralmente ficam ociosos e com poucas perspectivas no que diz respeito aos estudos e ao desenvolvimento de suas capacidades e talentos.

Bauman (2005a), a este respeito afirma que:

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras. (BAUMAN, 2005a, p.60)

Esta é a principal preocupação que deu base para o início de uma ação de mudança naquela região. A grande diferença entre o mundo interno e o externo trouxe um incômodo não muito próprio das instituições fabris de nosso mundo líquido: o desajuste das pessoas ao padrão pré-determinado de maneiras de existir.

As pessoas e seus modos de existir na comunidade começaram a se replicar pela falta de oportunidades culturais e educacionais, são réplicas e as réplicas são repetições, redundâncias. Assumem um papel de permanência, não como estabilidade e sim, oposição a fluidez de seu tempo ao assumir o estado negativo da água que deixou de fluir como antes: estagnação.

Bauman (2005b, p. 20) diz que “ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso-qualquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento dos padrões de utilidade e de indispensabilidade”.

Por estas razões, fundamentadas no pensamento de Bauman a respeito dos desajustados sociais e sua replicância incessante, além de iniciar um projeto que oferecia atividades musicais e culturais para a comunidade, os empresários citados tornaram-se mantenedores e também professores do projeto e dizem que “acreditam que a educação musical pode ser o meio para a formação de indivíduos mais sensíveis, capazes de reavaliar escolhas e condutas dentro da realidade em que vivem porque a música tem a capacidade de agregar e sociabilizar a criança sendo importante ferramenta na educação dos jovens e na valorização da cidadania”. A educação pela música para eles é uma possibilidade e um objetivo a ser alcançado pelo projeto Lyra Bragança.

O espaço físico - Desde seu início o Projeto funciona dentro das instalações da Indústria MB Cases, especializada na fabricação de estojos e acessórios para instrumentos musicais. Para os diferentes tipos de aulas foram utilizados inicialmente diferentes setores da indústria que se tornaram o “ninho” dos alunos como, por exemplo, o grupo de trompas que ensaia no almoxarifado, os trompetes na área de serviço da cozinha, os trombones e tubas na sala de jogos, a percussão na área da costura, a teoria musical no refeitório e a aula de canto e expressão no salão social.

População atendida - Para que possa ingressar neste trabalho sociocultural as crianças devem ter idades entre 07 a 15 anos e 11 meses e podem permanecer no projeto por tempo indeterminado. A participação é gratuita e livre, porém, alguns requisitos são apresentados a ela e sua família para que a função do projeto de intervir na condição vulnerável dos participantes seja garantida, tais como: frequentar a escola e manter bons resultados nos estudos apresentando seu boletim de notas todo final de semestre; ter conduta pertinente com as regras básicas de convívio como por exemplo não brigar, ter melhor autocontrole, não falar em gírias e não envolver-se em condutas adversas.

A preocupação com a formação individual tem como base a mobilização para que os alunos recebam noções de “bom” comportamento dentro e fora das aulas e a ter respeito ao próximo com o objetivo de ativar laços de amizade entre eles, uma vez que, o conjunto banda só funciona se os componentes estão bem relacionados entre si, com o material necessário às atividades e com o ambiente agradável.

Segundo os coordenadores, os alunos aprendem noções de hierarquia e disciplina, pois, sendo o projeto dirigido por músicos profissionais, existe a preocupação com a formação musical e profissional destas crianças e jovens e para tanto, a disciplina é uma condição indispensável para o músico e o reconhecimento da hierarquia ajuda na construção do conjunto da Banda.

No horário do projeto, podem ocorrer até três aulas por semana e quando há apresentações, as atividades e ensaio da banda podem ocorrer todos os dias. As aulas são acompanhadas por um psicopedagogo musical que atua na verificação de obstáculos no processo de aprendizagem seja por parte de instabilidades que o aluno apresente ou da prática pedagógica dos professores. Ao ser detectado algum tipo de dificuldade pelo professor o atendimento psicopedagógico, em primeiro momento, é realizado no próprio projeto para certificar de que o problema é um caso pontual. Os casos mais comuns de dificuldade envolvem a falta de desenvolvimento que é típica da privação como a ausência de percepção do ritmo, da afinação, da coordenação motora, ou seja, existe uma ignorância do contexto do próprio corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de música, no cotidiano escolar, muitas vezes é considerado menor, embora presente nas festas e ou comemorações, como proposta pedagógica que contemple uma metodologia própria da linguagem musical, ainda é algo em construção. Trabalhar com música é um desafio que exige disciplina, atenção, repetição e observação dos diversos contextos que se entrelaçam nas vivências dos educandos. A educação musical como parte do processo educativo exige um trabalho que fomente ações e perspectivas além da recreação momentânea porque envolve a elaboração de pessoas como partícipes de um processo fundamentalmente político que é a educação.

Nessa perspectiva, o Projeto Lyra Bragança, uma orquestra de metais, em que seus músicos são na totalidade advindos de situações de exclusão social, demonstra que estes jovens possuem toda a estrutura necessária para o aprendizado, e esta pode ser trabalhada em favor do desenvolvimento pleno do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ABRAA: Bragança Paulista. **Associação Bragantina Amigos das Artes**, 2013. Dispõe sobre o apoio à cultura artística na cidade de Bragança Paulista. Disponível em: <<http://www.abraa.art.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. **Vida Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- _____. **Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005a.
- _____. **Vidas Desperdiçadas**. 1ªed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005b.
- _____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. **Modernidade Líquida**. 1ªed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- _____. **Modernidade e Ambivalência**. 1ªed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.
- _____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. 2ª ed. Campinas/S.P.: Átomo, 2011.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

JARDIM, Vera Lucia Gomes. **Da Arte à educação** - A música nas escolas públicas - 1838-1971. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

KATER, Carlos. O Que Podemos Esperar da Educação Musical em Projetos de Ação Social. **Revista da ABEM**: Porto Alegre, n. 10, março 2004, p.43-52.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.